

DIMENSÃO DESIDERATIVA EM CONTEXTO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM PEDAGOGIA: O ENSINO DE LITERATURA À LUZ DA ANTROPOLOGIA LITERÁRIA

Jennifer Adrielle Trajano Lima (1); Thárcila Ellen Aires Bezerra (1); Fernando César Bezerra de Andrade (2)

Universidade Federal da Paraíba, jenniferadrielle@hotmail.com (1), tharcilabezerra@gmail.com (1), frazec@uol.com.br (2)

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado final da pesquisa PIBIC “Análise do desenvolvimento da dimensão desiderativa de discentes em contexto de formação para o ensino da Literatura orientado pela Antropologia Literária”, realizada a partir de dois planos, sendo este artigo referente ao segundo plano, intitulado “Desenvolvimento da dimensão desiderativa de licenciandos(as) em Pedagogia da UFPB em contexto de formação para o ensino da Literatura Infantil orientado pela Antropologia Literária”. No contexto de minicurso oferecido em 2015 pelos projetos PROLICEN e PROBEX vinculados ao programa “Cinema articulado às noções de Antropologia Literária, sexta e sétimas artes respectivamente” (CANAL 67), esta pesquisa analisou mapeamentos e relatos experienciais de leitura sobre livro de literatura infantil, produzidos por participantes do minicurso oferecido a licenciandos de Pedagogia do Campus I da UFPB, com vistas a identificar efeitos da participação na formação para o ensino da literatura infantil sobre as habilidades de autoconsciência desiderativa e autoinvestigação subjetiva que compõem a competência inter-relacional desses cursistas. A diferença entre relatos e mapeamentos consiste no fato de que nesses últimos são aplicados conceitos da Teoria do Efeito estético, para a apreciação de uma obra de ficção. Ambos os grupos textuais foram analisados nas articulações entre teoria da antropologia literária e teoria da competência inter-relacional (no que tange à dimensão desiderativa dessa competência, abarcando as habilidades indicadas), com apoio na teoria psicanalítica. Examinou-se a correta aplicação de conceitos da antropologia literária (como negação, vazio, repertório, *looping* recursivo, quebra da *good continuation*) ao texto mapeado e, a partir dela, elementos da escrita dos participantes que indicavam a interferência de suas subjetividades (e, particularmente, de seus desejos, com respectivas habilidades de autoconsciência e autoinvestigação), tais como a referência à própria biografia e à própria leitura do livro analisado, em articulações de si com o objeto da apreciação, no contexto da experiência estética. Com isso, foi possível, num contexto de formação docente inicial, inferir o desenvolvimento das habilidades indicadas. Os participantes foram separados em dois grupos, um de Controle, que não recebeu treinamento para aplicar os conceitos da teoria literária; e outro Experimental, cujos participantes receberam o treinamento referido. Observou-se que o minicurso possibilitou aprendizado de conceitos da teoria do efeito estético e, nele, foram verificados efeitos da participação no minicurso sobre as mencionadas habilidades da dimensão desiderativa. A hipótese do estudo – o aprimoramento da experiência estética concorre para o desenvolvimento da competência inter-relacional – foi confirmada, já que, a partir das produções escritas, os sujeitos participantes refletiram sobre seus desejos e incluíram, em suas análises, memórias de infância.

PALAVRAS-CHAVE: dimensão desiderativa da competência inter-relacional, formação docente inicial em Pedagogia, ensino de literatura infantil.

INTRODUÇÃO

A competência Inter-Relacional (CIR) é essencial para que um educador realize sua tarefa de uma forma favorável e significativa (ANDRADE, 2007). A CIR é formada por cinco dimensões: técnico comportamental (relacionada à capacidade de analisar o conflito e tomar decisões); cognitiva (relacionada à capacidade de pensar o conflito e suas resoluções); afetiva (relacionada à capacidade de reconhecer, valorizar, expressar e coordenar os afetos); sociocomunicacional (relacionada à capacidade de saber comunicar-se, estabelecer e manter vínculos); e desiderativa (relacionada à capacidade de reconhecer, valorizar, expressar ou conter os próprios desejos).

O enfoque desta pesquisa encontra-se na dimensão desiderativa, que, ainda de acordo com Andrade (2007, p. 20), corresponde a “um saber complexo, aberto, situado e pessoal, resultante da mobilização, articulação e criação de desejos e de habilidades intelectivas, afetivas, sociais e comportamentais”. Esta dimensão foi analisada tendo como evidência empírica produções textuais geradas à luz da teoria literária do efeito estético (que desemboca na Antropologia Literária), pois ambas dialogam por se interessarem pela subjetividade.

A manifestação dessas habilidades é importante em sala de aula, principalmente para os docentes, que precisam tratar com expressões de seu inconsciente enquanto se relacionam com os alunos (KUPFER, 1989; MORGADO, 2002; 2011); por esse motivo é necessário que o professor tenha ciência da sua própria individualidade e subjetividade: fazendo isto será mais que mero ministrador de tópicos para formar cidadãos, além de melhorar nas relações com os discentes e auxiliar no aprendizado.

A pesquisa teve por objetivo investigar os efeitos de um minicurso (de quatro horas) – realizado pelo programa de Cinema Articulado às Noções de Antropologia Literária, sexta e sétimas artes (CANAL 67), que envolveu projetos PIBIC, PROLICEN e PROBEX – sobre a dimensão desiderativa dos estudantes dos cursos de Letras e Pedagogia, no que concerne às habilidades de autoinvestigação subjetiva (buscar conhecer seus desejos) e autoconsciência desiderativa (conhecer e levar em conta os próprios desejos). Foi solicitada aos estudantes dos cursos de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa- PB) a escrita de textos de dois tipos – os do Grupo de Controle (GC) escreveram relatos experienciais de leitura e os do Grupo Experimental (GE) mapearam os conceitos da teoria de Wolfgang Iser, tais como: vazio, quebra da *good continuation*, *looping*, negação, negatividade, repertório (do texto e do leitor), tema e horizonte, e significação. As produções (tanto as do GC como as do GE) foram

feitas a partir da leitura do livro infantil *Os mil mundos de Bia*, autoria de Lucas Magalhães (2015).

Ao interagir com o texto literário, o leitor atribui um sentido ao lido, que culminará numa *significação*, acontecimento no qual o sujeito leitor fornece uma resposta ao texto, que segundo Santos (2009), o auxiliará a compreender leituras mais complexas. Por meio das experiências proporcionadas no ato da leitura, o leitor impõe, a essa interação *texto-leitor*, sua subjetividade.

Pensando em uma articulação entre a Teoria do Efeito Estético e a competência interrelacional, um professor, por exemplo, em uma situação de conflito precisa se colocar na posição de mediador: este *significa* o conflito a partir dos seus desejos (conscientes ou não). É o educador quem medeia ativamente uma situação conflituosa em sala de aula e conduz a resolução do conflito por uma forma não-violenta, segundo Andrade (2007).

Santos (2009) disserta sobre a Antropologia Literária, afirmando ser a ficcionalização uma necessidade humana, tão necessária que a leitura de um texto possibilita ao leitor a emancipação e a assinatura do pacto ficcional (ECO, 1994) – a literatura passa a ter contornos de realidade – o que, segundo a teoria psicanalítica, seria a realidade psíquica, feita, em parte, por meio da identificação, projeção, introjeção, sublimação.

Andrade (2015) faz uma ponte entre essa questão da necessidade humana de ficcionalizar e a psicanálise: ao preencher um vazio do texto literário (conceito da Teoria do Efeito Estético), referente ao que não está dito e é preenchido pelo leitor de acordo com os seus saberes (SANTOS, 2009), o sujeito se preenche buscando um sentido para a sua própria vida. Esta atividade gera alargamento e autodesdobramento (a partir de mecanismos como identificação e sublimação) do ser humano, pois ao resolver provisoriamente aquele vazio do texto, um conflito seu também pode estar sendo reparado. O vazio indica sobre o leitor, sobre o seu repertório (o que o leitor já sabe) e as suas fantasias.

Ao trazer a necessidade de ficcionalizar (SANTOS, 2009) a Antropologia Literária faz também uma ponte (não planejada) com as habilidades de autoinvestigação e autoconsciência, dado que as duas tratam de reflexão, e além do mais, muitos mecanismos referentes ao ato de ler ligam-se aos desejos do leitor, como a identificação, o gosto pela leitura, a escolha do livro etc. Orsini (2012, p. 142) destaca: “A maior realização da ficção encontra-se justamente no processo de, do transfundo amorfo de nossas emoções, fazer emergir uma interpretação daquilo que em dado momento gesta-se em nós”. A leitura é um processo contínuo que

envolve experimentar-se e expressar-se, na obra (resultado da experiência estética, para Iser).

O minicurso oferecido pelo CANAL 67 buscou despertar nos futuros docentes uma reflexão sobre o ensino da Literatura, pois, além de ficcionalizarem, terão de saber lidar com seus inconscientes e o dos seus alunos. Independentemente de ser um profissional de literatura, o educador precisa ajudar os discentes a aprenderem a lidar com seus próprios conflitos e, assim, a relação professor/aluno será aprimorada e o aprender a conhecer, fazer e ser será significativo.

MATERIAL E MÉTODOS

O objeto da pesquisa consistiu de eventuais efeitos que se supôs decorrerem da formação pedagógica para o ensino de Literatura (infanto-juvenil e adulta) sobre o desenvolvimento das habilidades desiderativas da competência inter-relacional por meio da experiência estética registrada em mapeamentos de ficção, tais como propostos por Santos (2015).

Assim, para analisar tal fenômeno, organizou-se o seguinte desenho de pesquisa: primeiramente, os alunos se inscreveram de forma espontânea via *e-mail*; depois, foram formados dois grupos de participantes, um para servir como controle, outro para verificar em que medida a formação pedagógica influiria no desenvolvimento das habilidades desiderativas.

O Grupo de Controle assistiu a um curta-metragem, após foi solicitado aos presentes que oralmente comunicassem suas impressões sobre a narrativa; em seguida, foi-lhes apresentada uma história infantil, pedindo-se a eles que novamente manifestassem suas impressões, desta feita por análise escrita. Finalmente, foi-lhes oferecida exposição sobre a Teoria do Efeito Estético e a Antropologia Literária. Como se vê, a produção do grupo de controle foi posicionada antes da exposição teórica, de modo a não permitir que esta última influenciasse a produção oral e escrita dos participantes. Já o Grupo Experimental teve tal exposição no início do treinamento, sendo seus participantes convidados a aplicar a teoria e seus conceitos às narrativas apresentadas pelo curta-metragem e pela história infantil – admitindo-se, então, a possibilidade de efeitos desse treino sobre as produções escritas deste segundo grupo. A sessão deste grupo teve, logicamente, o caráter de treinamento. Decidiu-se envolver na análise 08 (oito) produções escritas (quatro mapeamentos e quatro relatos, dos GE e GC, respectivamente).

A escolha dessas produções foi aleatória – resultando num corpus que, a rigor, não sofreu significativa interferência da parte dos pesquisadores (no que diz respeito à qualidade da produção analisada, por exemplo).

Para manter a confidência quanto à identidade dos participantes, estes foram identificados durante a análise pela letra P, seguida de um número e uma sigla determinando o grupo: por exemplo, se o aluno for descrito aqui como P4GC significa ser o quarto participante do Grupo de Controle.

As análises dos textos do GE e GC foram organizadas em dois tipos de resultados: o primeiro foi analisado quantitativamente; desta forma, uma síntese gráfica foi constituída. No segundo, utilizou-se a Análise da Enunciação (BARDIN, 1977) para aplicar, aos quatro relatos selecionados – de um total de 20 produções – para esta etapa, à luz daquela técnica, uma interpretação baseada nas categorias teóricas psicanalíticas e iserianas. Isto significa que realizou-se uma análise da produção individual, identificando e destacando características próprias de cada texto, depois se efetuaram uma análise intragrupal, observando semelhanças e diferenças entre as produções dos participantes do mesmo grupo; e por último uma análise intergrupala, comparando os desempenhos dos participantes de ambas as turmas para investigar como as produções de cada aluno evidenciaram os modos pelo quais eles lidaram com os seus desejos no ato da produção oral e escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dimensão desiderativa, uma das cinco que formam a competência inter-relacional, se refere ao modo como os indivíduos lidam com os seus desejos (conscientes ou não), considerados importantes fatores motivacionais (ANDRADE, 2007).

Nesta pesquisa, foram evidenciadas a autoconsciência desiderativa e a autoinvestigação da subjetividade, a primeira referente à tomada de consciência dos próprios desejos, e a segunda à investigação e reflexão sobre a própria subjetividade (ANDRADE, 2007). Estas habilidades puderam ser examinadas pela teoria psicanalítica – assim como Andrade (2007) fez em sua tese –, e pela teoria do efeito literário, estudada por Santos (2009). Ambas as teorias valorizam a subjetividade, sendo, por isto, articuladas na pesquisa: a psicanalítica, tomando-a em relação aos desejos inconscientes dos indivíduos, e a literária, ao imaginário (analisado a partir das formulações psíquicas feitas pelo leitor real no ato de ler).

No caso da Teoria do Efeito Estético o leitor “dirige” a leitura de um texto literário preenchendo os vazios (ou indeterminações textuais). vista psicanalítico, o leitor traduz enigmas associados ao seu psiquismo, como sugere o psicanalista francês Jean Laplanche (2015): neste caso a obra pode ser entendida como uma tradução. Quando um indivíduo mapeia uma obra, traduz conflitos relativos à sua subjetividade, os quais se manifestam por meio da quebra da *good continuation*, negação, negatividade, vazios, *loopings* recursivos e os movimentos de tema e horizonte (SANTOS, 2009), reportando-se aos seus desejos e tornando possível a identificação das habilidades desiderativas.

Para inferir dados sobre os desejos dos discentes, analisou-se os conceitos de *repertório*, *lugares vazios* e *quebra da good continuation* nas produções, que permitiram a análise de habilidades desiderativas de autoconsciência e autoinvestigação. É possível também inferir, nesse caso, que a presença desses conceitos nas produções textuais dos discentes demonstra processos psíquicos assim como os tratados pela literatura: a fantasia (que preenche vazios), a angústia (afeto decorrente do rompimento de um sistema explicativo) e a projeção e introjeção (que, com seus processos de exteriorização ou internalização, respectivamente, envolvem material subjetivo, de que são feitos os repertórios), remetendo à identificação (aproximação ou afastamento em relação a aspectos da narrativa e /ou personagens). As interpretações feitas no decorrer deste artigo não são definitivas: são deduções a partir da aplicação da teoria psicanalítica às produções, até porque só os próprios autores dos mapeamentos poderiam oferecer respostas mais aproximadas a seus inconscientes. Ainda assim, as inferências são fortemente apoiadas na forma como os discursos foram escritos, de modo a justificar tais deduções.

Andrade (2007) disserta sobre a importância da sublimação para a sociedade, apresentando o conceito de Freud (1974 [1905]), tendo em conta que esse processo investe a energia sexual no desejo pelo saber, bem como em outros fatores culturais; sendo a escola um dos meios de realizar a busca pelo conhecimento e ligar o ser humano a esse objeto de sublimação. Ao se deparar com os *vazios* do texto, o leitor buscará preenchê-los, investigar sobre o que está lendo, atribuindo múltiplas respostas possíveis; sendo assim, a leitura de ficção, tanto quanto sua escrita, constitui um processo sublimatório (FREUD, 1974 [1908]).

A participante 1 do grupo experimental destacou em seu mapeamento duas perguntas, as quais, segundo ela, constituem o vazio do texto: “Quem deu a bola a Bia?” e “Quem disse que o mundo era redondo?”. As dúvidas (revelando vazios de PIGE) manifestam uma inquietude

tação da participante em descobrir quem é este outro que aparece como uma interrogação, quiçá eventualmente, até como uma ameaça para a personagem. Tal inquietação pode ser relacionada ao desejo escópico (associado ao ver), sobretudo porque a referência a esse personagem, no livro infantil, é dada, sobretudo, pela imagem: o desenho de pernas e braços longos que, já na primeira página, apresentam a bola a Bia, como é possível ver na Figura 1:

Figura 1 – Bia recebendo a bola



Fonte: Retirada de Magalhães, 2015, p 1.

Os vazios de PIGE remetem-na à busca da identificação daquele(a) com quem Bia interage e que, no fundo, dá início à interação – e à narrativa: trata-se provavelmente de um adulto, visível nas ilustrações (por conta da diferença de altura entre quem dá a bola e Bia, considerando-se que o autor do presente não tem seu rosto visível, como evidencia a Figura 1). Ora, a pergunta por essa pessoa – mais do que por Bia – revela a curiosidade de PIGE, de modo a pensar-se que a participante, no lugar da expectadora da história, sente-se impelida a entrar na narrativa, de modo a conhecer o adulto que presenteia.

Dessa forma, constata-se a adesão ao pacto ficcional, o que, por si só, já permite inferir que PIGE participou da história; mas, não identificada primeiramente com Bia (que, na narrativa, provavelmente sabe quem seja a pessoa que lhe presenteia), tem seu desejo de saber acionado. “Quem” é o pronome interrogativo que se repete, voltado para dois tipos de conteúdo: a autoria do presente, mas também a responsabilidade pela verdade (“Quem disse que o mundo era redondo?”).

Na contação de histórias, a interação entre contador(a) e crianças é fundamental para o estabelecimento da fantasia, de modo semelhante ao que se refere Freud (1976 [1908]) sobre a relação entre escritor e leitor.

Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade — como o Cardeal que fez uma idêntica indagação a Ariosto — em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes (FREUD, 1976 [1908], p 71).

Muitas(os) licenciandas(os) em Pedagogia, em seus mapeamentos, interpretaram a história infantil utilizando os conceitos iserianos. Ao identificarem, selecionarem e discorrerem sobre os conceitos em suas produções, as(os) alunas(os) demonstram algo da dimensão desiderativa, pois, ao mapearem um texto, são revelados o interesse e o desejo das(os) discentes em realizar tal atividade.

O que é sentido ao ler fala sobre nós. Quando o ser humano está enredado nos atos de fingir, quando entra nessas ilusões, assinando o pacto ficcional, acaba falando de si. A partir do mapeamento de P2GC é possível observar que a participante, ao ler a história, se envolveu com ela, pois teve lembranças da época da sua infância e até relacionou com um fato da sua vida:

Este livro é muito interessante, porque me fez lembrar meus questionamentos de quando era criança. Isso é típico da fase infantil, perguntar porque [sic] o mundo existe, ou porque [sic] as coisas são do jeito que são.

Quando ela concluiu que o mundo era uma bola, e o mundo está cheio de mundos, me lembrei de uma vez que assisti MIB - Homens de Preto (risos) [sic]. No filme também há bolas (tipo de gude) e nelas há outros mundos. Isso me fez questionar em qual mundo eu estava, e [o] que estava guardando ele [sic].

A metáfora é de um jogo infantil (a bola de gude), remetendo, de novo, à associação com a infância. Assim, num mesmo campo semântico, associam-se mundo-sentido-cinema-bola-jogo-reflexão (que remete ao sentido, novamente). A experiência é de encantamento, assim como é a de Bia.

Os dados sugerem que houve uma familiarização da aluna com o livro infantil. Pode-se destacar em seu relato o conceito de identificação do tipo três, postulado por Freud (1976 [1908]): a participante se identifica com a situação e os questionamentos de Bia. Assim como Bia, P2GC faz metáforas e se desloca nelas (o que atesta a identificação com a protagonista da história).

Por consequência, o pacto ficcional é positivamente atestado. Ao recordar um acontecimento de sua vida, isto a auxiliará em uma busca de sentido para a história: é essa base cultural, a um só tempo vocabular, existencial e literária que o teórico literário Wolfgang Iser (1999)

denomina repertório, que diz respeito às experiências de mundo do leitor.

Ora, presumiu-se nesta pesquisa que ter essa consciência facilita o desenvolvimento de habilidades da dimensão desiderativa. Quando os participantes do grupo experimental, por exemplo, abordavam o conceito de vazio, eles exploravam outras possibilidades de sentido conscientemente, pois compreendiam esse conceito Iseriano. Isso favoreceu as associações com a própria experiência (de resto, presumida no repertório de cada leitor/a) e, ademais, a consciência de que tais associações decorreram da experiência estética vinculada ao texto. P3GE é o melhor exemplo: quando Bia oferece um sentido (a personagem vê mundos na bola que ganha), a leitora afirma ter-se emancipado – um termo muito usado no vocabulário pedagógico com semântica fortemente positiva.

Como cada leitor possui sua subjetividade, a sua leitura de mundo, as interpretações das(os) participantes de ambos os grupos não foram iguais, apesar de algumas terem sido semelhantes. Verifica-se que, como o Grupo Experimental (GE) teve consciência dos conceitos presentes no texto, as(os) alunas(os) deste grupo mostraram-se mais capazes de interpretar o texto distintamente. Ao mapearem a história infantil *Os mil mundos de Bia* (MAGALHÃES, 2015), as(os) participantes do GE pensaram em outras possibilidades interpretativas e associaram o repertório da história com os repertórios delas conscientemente.

As(Os) discentes do GE, ao mapearem o livro, evidenciaram vazios, manifestando leituras inquietas, com dúvidas frequentes que tiveram de ser respondidas. As perguntas descritoras dos vazios revelam o desenvolvimento da autoconsciência desiderativa durante o ato de leitura. Outras(os) participantes foram levadas(os) à negação, pois o repertório do texto mostrou para o repertório delas algo incomum, e isso também sugere um caminho para a autoconsciência, visto que alguns acontecimentos da história foram de encontro às formulações feitas pelas(os) alunas(os).

Apesar do GC não ter recebido treinamento, identificou-se em seus relatos fenômenos da teoria iseriana: isto porque os fenômenos descritos pelos conceitos aconteceram neles de forma inconsciente. As(Os) participantes preencheram vazios, revelando tanto desejos contrários aos da personagem quanto objetos de identificação. Mas, vale ressaltar, que como o GE teve consciência do processo, o desenvolvimento da dimensão desiderativa foi mais visível em comparação ao GC.

CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi analisar efeitos da formação pedagógica para o ensino de literatura sobre o desenvolvimento das habilidades desiderativas da Competência Inter-Relacional (ANDRADE, 2007) de estudantes de Pedagogia do Campus I da UFPB. Esses efeitos foram observados em textos escritos que continham relatos experienciais de leitura por um Grupo de Controle, e mapeamentos (SANTOS, 2015) construídos para identificar conceitos da Teoria do Efeito Estético (ISER, 1983, 1993, 1996, 1999a, 1999b; SANTOS, 2009) pelo Grupo Experimental.

Com os mapeamentos e relatos, percebeu-se como a aprendizagem de conceitos da Antropologia Literária afetou a leitura do livro infantil *Os mil mundos de Bia* (MAGALHÃES, 2015), de tal modo que referências à vida dos participantes foram também feitas, pois muitos em seus textos escreveram sobre si, refletindo sobre seus desejos e incluindo memórias pessoais.

Como explicado anteriormente, as produções textuais de ambos os grupos foram analisadas com base em uma articulação entre duas teorias: a antropologia literária e a psicanálise, com o objetivo de inferir nos textos duas das habilidades relacionadas à dimensão desiderativa da Competência Inter-Relacional – a autoconsciência desiderativa e a autoinvestigação da subjetividade (ANDRADE, 2007).

A hipótese desta pesquisa, que dizia respeito ao desenvolvimento da dimensão desiderativa orientado pela Antropologia Literária em discentes de Pedagogia, submetidas(os) ou não a treinamento (conforme situados nos grupos de controle ou experimental), pôde ser confirmada: na maioria das produções do GE, as(os) alunas(os) significaram a história infantil, associando elementos da narrativa e aspectos dela a elementos da vida. Isso sugere fortemente que tais produções evidenciaram elementos de suas autoconsciências.

De um lado, pode-se destacar a importância do minicurso para o despertar de aprendizagens que vão além do entendimento de conteúdos teóricos: as(os) estudantes puderam falar de si e reconhecer seus desejos, e também conheceram uma teoria ainda pouco conhecida no Brasil, como é a Antropologia Literária, podendo, como futuros docentes em Pedagogia, acrescentar outros pontos de vista ao planejamento de suas aulas de literatura. O minicurso mostrou aos alunos uma forma inovadora de ensinar literatura, aceitando perspectivas diversas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Tornar-se uma lição permanente**. Psicodinâmica da competência inter-relacional do(a) educador(a) na gestão de conflitos e na prevenção da violência na escola. 2007, 220p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

_____. Educação: entre o enigma e a tradução. In: CAMINHA, Iraquitan de Oliveira (org.).

Inconsciente e educação. Curitiba: CRV, 2012. p. 35-57.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. De Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In IDEM. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol.VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 129-212 (Originalmente publicado em 1905).

_____. O esclarecimento sexual das crianças. In IDEM. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.137-148 (Originalmente publicado em 1907).

_____. Escritores criativos e devaneios. In IDEM. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.158-174 (Originalmente publicado em 1908).

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v. 1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34. 1996.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v. 2 Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34. 1999a.

_____. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, J. C. de C. (Org.). **Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser**. Trad. de Bluma W. Vilar e João C. de C. Rocha. Rio de Janeiro: Editora UERJ. 1999c. p. 63-78.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. **Vocabulário da Psicanálise**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MAGALHÃES, Lucas. **Os mil mundos de Bia**. João Pessoa: CANAL 67, 2015. (Original não publicado, registrado em cartório).

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica**: professor-aluno no embate com afetos inconscientes. 3ª ed. São Paulo: Summus, 2002.

_____. Autoridade e sedução na relação pedagógica. **Psicol. educ.**, São Paulo, n.32, p.113130, jun. 2011.

ORSINI, Cecília Maria de Brito. Leitura de Freud: um estilo de transmissão. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 45, n. 83, p. 129-144, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 ago. 2016.

SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. **Teoria do Efeito Estético e Teoria Histórico-Cultural**: o leitor como interface. Recife: Bagaço, 2009.

_____. **Da ficcionalização em cinema para o ensino da leitura literária no Ensino Médio**: a criação de um Roteiro Didático Metaprocedimental. Projeto PROLICEN aprovado para concessão de bolsa e desenvolvimento. João Pessoa: UFPB, 2015.